

Beijo feroz

Roberto Saviano

Beijo feroz

Tradução de Simonetta Neto

ALFAGUARA


A G., inocente morto aos 17 anos.
A N., culpado que matou aos 15 anos.
À minha terra de assassinos e assassinados.

A paranza dos meninos

MARAJÁ	Nicolas Fiorillo
BRIATO'	Fabio Capasso
TUCANO	Massimo Rea
DENTINHO	Giuseppe Izzo
DRAGÃO	Luigi Striano
LOLLIPOP	Vincenzo Esposito
PEIXE MOLE	Ciro Somma
ESTAVA-A-DIZER	Vincenzo Esposito
DRONE	Antonio Starita
BOLACHINHA	Eduardo Cirillo
SUSAMIELLO	Emanuele Russo
DOBRINHA	Gennaro Scognamiglio
PAQUI	Diego D'Angelo

Não te vires, escapa
Meninos com as AK gritam «papa!».

NTO', «Il ballo dei macellai»
[«A dança dos carnicheiros»]

Índice

Primeira parte — Beijos	15
Nasceu	19
Areias movediças	30
Chega de chorar	37
Valete de copas	45
Na toca	55
Alta velocidade	61
Domingo	73
Isto é <i>business</i>	87
Um plano louco	96
Piranhas	110
Tenazes	120
<i>Delivery</i>	135
A mãe do soldado	145
Excursão a Milão	160
A assistente social	173
O presente	182
O contacto	191
A velinha	198
A reivindicação	201
A revolução dos empréstimos	210
Cocorocó	222
Vídeo	228
A confederação	233

Segunda parte — Meninos-reis de Nápoles	241
A visita	245
No paço real	252
Um corte de barba perfeito	260
Escola de condução	264
Turistas em Roma	272
Fogueira	283
Amigos	293
A luta	297
Velório	301
Nós cá estamos	304
<i>A paranza</i> vem do mar	310
Full Metal Jacket	316
Atentado	320
O cesto com as maçãs	324
A prova	330
O perdão	338
Gengis Khan	343
Estádio	348
Festa grande	358
Terceira parte — Vós, que educais	365
A missa	369
Contraluz	377
A polícia no encalço	381
A monte	386
O cubículo	391
Da terra e do céu	395
Rumo à coroação	399
A carne e o sangue	407
F12	421
<i>Nota do autor</i>	429

Primeira parte

Beijos

Mandamo-los num plural genérico, os beijos. Muitos beijos. Mas cada beijo é diferente do outro, como os cristais de neve. Não é apenas como é dado, é como surge: que intenção o alimenta, que tensão o acompanha. E ainda como é recebido ou rejeitado, com que vibração — de alegria, de excitação, de desconforto — se acolhe. Um beijo lançado no silêncio ou distraído pelo ruído, molhado de lágrimas ou companheiro de gargalhadas, beliscado pelo sol ou invisível na escuridão.

Os beijos têm uma taxonomia própria. Aqueles que são dados como um carimbo, uma impressão de lábios sobre lábios. Beijo apaixonado, beijo ainda verde. Brincadeira imatura. Oferta tímida. Os seus antagonistas: os linguados. Os lábios encontram-se, apenas para se abrirem: uma troca de papilas e nós, de humores e carícias com a polpa da língua, no perímetro da boca guardada pelo marfim dos dentes. Os seus opostos são os beijos maternos. Lábios que se imprimem nas faces. Beijos que anunciam aquilo que se vai passar logo a seguir: o abraço apertado, a carícia, a mão na testa para medir a febre. Os beijos paternos tocam ao de leve nas maçãs do rosto, são beijos de barba, que picam, sinal fugaz de aproximação. E há ainda os beijos de cumprimento, que tocam ao de leve na pele, e os beijos lascivos dados à socapa, pequenas ciladas babosas que tiram prazer de uma intimidade furtiva.

Os beijos ferozes não são classificáveis. Podem selar silêncios, proclamar promessas, aplicar condenações ou declarar absolvições. Há beijos ferozes que mal tocam nas gengivas, outros que chegam quase à garganta. Seja como for, os beijos ferozes ocupam sempre todo o espaço possível, utilizam a boca

como entrada. A boca é apenas o poço onde se mergulha, para se descobrir se existe alma, se existe realmente algo que reveste o corpo, ou não — o beijo feroz aí está para vasculhar esse abismo insondável, ou para encontrar um vazio. O vazio surdo, escuro, que esconde.

Há uma velha história contada entre os neófitos da barbárie, transmitida pelos criadores clandestinos de cães de luta: crias desesperadas, devotadas, a contragosto, a uma causa de músculos e de morte. Conta essa lenda, que carece de confirmações científicas, que os cães de luta são seleccionados à nascença. Os treinadores estudam a ninhada com fria indiferença. Não se trata de escolher quem parece forte, ignorando quem parece demasiado magro, de preferir quem escorraça a irmã da teta ou de reconhecer quem castiga o irmão sôfrego. O teste é outro: o criador arranca a cria da teta agarrando-a pelo pescoço e agita-lhe o focinho perto da sua bochecha. A maioria das crias lambe-a. Mas uma — quase cega, ainda desdentada, as gengivas habituadas apenas à macieza da mãe — tenta morder. Quer conhecer o mundo, quer tê-lo entre os dentes. Esse é o beijo feroz. Esse cão, não importa se macho ou fêmea, será criado para a luta.

Existem os beijos e, depois, existem os beijos ferozes. Os primeiros não passam o limite da carne; os segundos não conhecem limites. Querem ser aquilo que beijam.

Os beijos ferozes não vêm do bem nem do mal. Existem, tal como as alianças. E deixam sempre um sabor a sangue.

Nasceu

— Nasceu!

— Como, nasceu?!

— Sim, nasceu.

Do outro lado, silêncio, apenas a respiração grasnava no microfone. Depois:

— Tens a certeza?

Há semanas que esperava aquele telefonema, mas agora que Tucano lho estava a dizer, Nicolas sentiu necessidade de o mandar repetir, para se convencer de que, finalmente, tinha chegado o dia, para o saborear profundamente na cabeça. E para estar preparado.

— Não, estou a gozar! Estou-te a dizer. Acabou de nascer, pela saúde da minha mãe, a Koala ainda está praticamente na sala de parto... O Dentinho não apareceu, eu vim logo para o hospital.

— Estava-se mesmo a ver, o gajo não tem tomates para aparecer. Mas quem foi que te disse que nasceu?

— Um enfermeiro.

— Quem raio é? De onde saiu esse enfermeiro? — Nicolas não se contentava com informações genéricas, desta vez queria pormenores. Não se podia dar ao luxo de improvisar, nada podia correr mal.

— Um gajo que trabalhava com o pai do Bolachinha, Enzuccio Niespolo. Disse-lhe que a Koala é nossa amiga e que queríamos ser os primeiros a saber do nascimento.

— Quanto é que lhe prometeste? Não estará a dizer disparates porque ainda não lhe passaste para a mão umas centenas de euros?

— Nada disso, prometi-lhe um *iPhone*. O gajo não via a hora de a criança sair, para ter o telemóvel novo. Ficou com o ouvido colado à barriga da Koala.

— Então, temos de ser rápidos. Amanhã, logo ao nascer do Sol.

A madrugada encontrou-o vestido, pronto para a acção. A cama onde estava sentado, quase intacta; não tinha dormido nem um minuto. Fechou os olhos, inspirou profundamente e deitou o ar para fora, um som seco. Tinha chegado o dia. Precisava de se manter lúcido, de não se deixar sugar pelas lembranças. Tinha uma missão a cumprir, teria todo o tempo para o resto, depois.

A voz de Tucano agiu como um interruptor que liga a corrente. Meteu a *Desert Eagle* nas calças de ganga e saiu à rua.

Tucano já estava de capacete integral.

— Tens o telefone? — perguntou-lhe Nicolas, enquanto punha o seu. — Ainda está na embalagem, não está?

— Marajá, está tudo em ordem.

— Então, vamos comprar flores. — Nicolas foi para o lugar do condutor e arrancou a baixa velocidade. Sentia uma calma que lhe aquecia o corpo todo. Dentro de uma hora, tudo estaria resolvido. Capítulo fechado.

— Que lata... — disse Tucano. — Dizem que não lucram, mas estão sempre a dormir.

As grades do florista estavam fechadas e não sabiam onde procurar outros quiosques, até porque precisavam de ser rápidos, pensou Nicolas. Depois, travou a fundo e o capacete de Tucano chocou com o seu.

— Marajá, Virgem santa...

— Isso mesmo, a Virgem santa — disse Nicolas e, andando para trás com os pés, fez recuar a motorizada até à entrada da ruela. Protegido por uma grade de ferro, que brilhava como ouro naquela decadência, um nicho votivo era iluminado por um pequeno projector. As fotos